

A COMPREENSÃO DE EDUCAÇÃO DE PAULO FREIRE: INDIGNAÇÃO E SONHO¹

Ana Maria Araújo Freire²

RESUMO: *Este trabalho parte das sensações intuitivas e das constatações ao entendimento da razão e de seus mal-estares provenientes das condições adversas impostas aos humildes. Gente esta analisada criticamente, sob um ponto de vista freiriano, em seu processo histórico-sociológico da formação brasileira. A prática social, a opressão e a exclusão interferindo diretamente na construção histórica, na exploração, na conquista, na manipulação e na invasão cultural. O surgimento do pensamento educacional pelos que querem a justiça social e a paz, pelos que entenderam ser a prática educativa o caminho para a possibilidade de superação; prática esta muito diferente da prática educativa da que estava em vigência secularmente entre nós, que servia à manutenção das injustiças. Aborda, ainda, a teoria utópica na construção do pensamento teórico de Paulo Freire, da sua compreensão de educação, da sua indignação, de sua pedagogia radicalmente humanista que possibilita a 'todos' e a todos pronunciar o mundo para assim biografar-se, existenciar-se.*

1. Antecedentes históricos

O pensamento teórico de Paulo Freire, entendido como o desenvolvimento e o aprofundamento dos pressupostos políticos-filosófico-ético-estético-gnosiológico-antropológico-pedagógicos de sua **Teoria do Conhecimento** ou, como preferia ele mesmo dizer, *de minha compreensão de educação*, nutriu-se inicialmente do contato dele com as camadas populares. Surgiu, portanto, de uma certa percepção intuitiva e "observativa", aliada, sempre, aos estudos teóricos, que o levaram a concluir que as relações interpessoais, postas em prática nos mais distintos espaços de nossa sociedade, eram profundamente marcadas pelo elitismo e pela discriminação.

Das sensações intuitivas e das constatações ao entendimento lúcido e claro da razão de ser de seus mal-estares advindos das reais condições adversas impostas aos "humildes". A "essa gente" Paulo observou, estudou e analisou criticamente o processo histórico-sociológico da formação brasileira. Entendeu o *status quo* vigente, desde muito jovem, como sendo a consequência e, ao mesmo tempo, razão de ser de uma prática social brasileira construída pelo que é próprio da natureza intrínseca ao colonialismo: a opressão e a exclusão.

É essencial à sobrevivência do colonialismo não deixar que os colonizados **sejam, tenham, queiram, sonhem e saibam**. Assim, é próprio desta forma de construção histórica, a interdição³, a exploração, a conquista, a manipulação, a divisão e a invasão cultural, nascidas no campo fértil do latifúndio, do monopólio comercial e da escravidão de negras. O colonialismo, mesmo deixando de existir como forma político-econômica institucionalizada e explícita, fincou marcas e raízes profundas entre nós. Nas hierarquias discriminatoriamente malvadas, nas normas preconceituosamente autoritárias e nos verdadeiros valores morais e cívicos elitistamente

¹ Conferência proferida no Programa de Formação Continuada em Educação Popular. Uberlândia, 2001.

² Doutora em Educação pela PUC/SP.

³ Sobre **interdição do corpo**, conferir em FREIRE, Ana Maria Araújo. *Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguçu), Filipinas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

distorcidos. Enfim, numa postura e clima de antieticidade na sua forma de organização social, que vem, no nosso caso brasileiro, perpetuando-se por gerações e gerações, até hoje, na forma de ler e de agir no mundo dos descendentes dos colonizadores, introjetada, infelizmente, por grande número de brasileiros e de brasileiras, inclusive por aqueles/as que de nada podem se beneficiar desse modo de estar sendo nossa sociedade, pelo contrário, tornando-se “hospedeiros da opressão” e também perpetuadores das condições que os/as oprimem. Assim, aceitamos “de braços abertos” a opressão e a exploração capitalista liberal e imperialista, e, mais recentemente, as do neoliberalismo globalizador da economia, que nos tira a dignidade e a soberania.

Constatando e indignando-se por esta razão da verdadeira proibição de tantos e tantas brasileiras viverem sem dignidade, Paulo proclamou, desde os anos 50, que isso era destino dado, mas determinado pelas condições de opressão geradas e alimentadas pelos “proprietários” exclusivos dos bens materiais e culturais do país, enfim pelos donos do poder referendados por quase toda a população “branca” de então. Portanto, exclusão produzida pelo segmento social composto pelos que se consideravam como “seres superiores” e, assim, vinham outorgando-se todos os privilégios e “direitos”, inclusive sobre as pessoas.

2. O surgimento do pensamento educacional

Foi assim, lendo muito, analisando fatos e teorias, refletindo sobre os grandes temas ou problemas brasileiros, que Paulo compreendeu-os como um “percebido destacado”, isto é, como um problema crucial visto na sua nudez, sem os panos diáfanos das ideologias, a ser resolvido pelos que queriam (e querem) a justiça social e, portanto, a paz. Entendeu com clareza que o caminho de possibilidade de superação teria que ser por meio de uma prática educativa diferente da que estava em vigência secularmente entre nós, que servia, obviamente, à manutenção das injustiças.

Os estudos e as reflexões de Paulo foram mais e mais radicais no decorrer de sua vida, tomando corpo numa epistemologia compromissada com a dor desses e dessas excluídas das decisões e do usufruto dos bens materiais e culturais produzidos secular e socialmente por todos. Ele foi tecendo e aprofundando, por anos a fio, uma compreensão ou leitura de mundo, a partir do que no Brasil vinha sendo (e ainda é) a mais visível e explícita opressão e exclusão, dirigida contra as camadas populares. Assim, inicial e determinantemente, foi a opressão/exclusão de classe o foco ou objeto de suas preocupações teóricas sempre “molhadas” das suas mais genuínas emoções nascidas nele pela sensibilidade que o caracterizou desde criança. Sua práxis se direcionou sempre para a opressão dos sujeitos tomados, ou melhor, possuídos pelos dominantes como simples e meramente objetos sobre os quais incidiam as ações caracterizadas pela verticalidade de tratamento de mando, de escárnio, de repulsa e de exploração. Sua epistemologia inaugurou, pois, uma pedagogia que critica e aponta possibilidades de superação das condições que alimentam as relações de opressão.

Deliberada e solidariamente com os oprimidos, isto é, escutando-o sempre, Paulo foi aprofundando os seus estudos pela acurada leitura de filósofos, educadores e sociólogos, detendo-se, de modo especial, em todos aqueles/as que pudessem, de alguma maneira, fazê-lo entender melhor a questão da exploração dos corpos e das mentes de tanta gente. Sobre as práticas dos dominantes sobre os dominados que, sem a mínima preocupação, sem pruridos nem compaixão, roubavam a dignidade da maioria da população – “a humanidade roubada”, criando uma **pedagogia**

do oprimido⁴. Deu-nos, assim, as grandes diretrizes, os pressupostos necessários para o pensar certo - não as prescrições! - para transformarmos esta dura e injusta realidade.

3. A teoria utópica de Paulo Freire

Para compor o corpo teórico dessa **pedagogia do oprimido**, autenticamente engajado com o real, Paulo partiu do óbvio, do simples, da prática do dia-a-dia sem se perder no pragmatismo. Partiu do observável, do constatável no cotidiano pior. Sua qualidade de enraizado no sensível em relação dialética com o discernimento racional, porque nunca o cotidiano se tornou ou foi por ele interpretado como uma mera repetição mecânica das coisas. Seu movimento de escutar-intuir-apreender o cotidiano e o senso comum, ao contrário dos cientistas, filósofos e educadores, foram os princípios geradores de uma enorme energia dinâmica norteadora para a sua sistematização teórica. Eliminou, assim, o perigo de cair no teorismo. Partir do óbvio, do simples, da prática, do observável, do constatável no cotidiano foi, em Paulo, portanto, a unidade complexa, decisiva e intencional de opor-se à conduta autoritária e discriminatória dos dominantes que o inquietava desde muito jovem.

A construção do pensamento teórico de Paulo carrega, pois, uma característica própria do seu modo de ser: não dicotomizar sentir-inteligir-dizer-fazer. Ele foi construindo o corpo teórico de sua compreensão de educação de natureza política, eminentemente ética e estética (a dimensão educativo-pedagógica foi, indubitavelmente, a que ele privilegiou para concretizar esta compreensão, foi o seu *modus vivendi*), tendo as instâncias observações-emoção-intuição-razão-ação em constante movimento, em dinâmica relação dialética de complementaridade e contradição, de indignação e tolerância, de amorosidade e raiva, de incompletude e coerência, de denúncia e anúncio, de sonho e utopia. Enfim, do que é característico da humanidade criando, coerentemente, uma pedagogia radicalmente humanista, a que realmente possibilita a todos a pronunciar o mundo para assim biografar-se, existenciar-se.

Paulo nos diz que aprendemos com todo o nosso corpo, não com a parte A ou B dele, mas que todo nosso corpo, é um **corpo consciente, portanto, aberto ao saber**. Se os pêlos de nosso corpo se arrepiam ou se nosso peito bate mais forte ao ouvirmos ou virmos uma determinada situação ou fato (isto e o escutar em Paulo) é porque o nosso corpo consciente está dizendo algo à nossa mente antes mesmo que ela o saiba criticamente, antes que passe pelo crivo do raciocínio lógico. Ficar nas sensibilidades e nas intuições seria afastar-se da ciência, mas negá-la, seria ficar no cientificismo inoperante. O **corpo consciente** como que “procura” as coisas e fatos para subsidiar os conteúdos para o refletir-sistematizar-agir transformador.

Assim, o senso comum aflorado no tempo-espaço do cotidiano de nossas vidas, devemos convir, cria um manancial de possibilidades de fazer do nosso corpo um **corpo consciente**, que assim instiga nossa capacidade racional e, conseqüentemente, possibilidades múltiplas de criação. Paulo não tendo desprezado, ao contrário, tendo partido quase sempre do senso comum, do pulsar de seu **corpo consciente** e, portanto, do cotidiano vivido no campo do espontâneo, tomo-o como fonte de sua compreensão mais elaborada do real; superando tal compreensão sem negar, concebendo uma teoria capaz de nos fazer entender a dinâmica social marcada pelas práticas de injustiças e pelos discursos ideológicos do que “é assim porque somos diferentes mesmos” ou, ainda, “é assim, porque sempre foi assim e não fui eu que determinei que assim fosse” – que vinham (e ainda vêm) marcando a distância entre as vidas humanas. Desta feita,

⁴ FREIRE, Ana Maria Araújo. *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*. São Paulo: UNESP, 2001.

o cotidiano vivido e a prática exercida pelos opressores não afastaram Paulo da teoria, repito, antes foi a provocação para a busca da sistematização filosófico-científica, o elo de aproximação com a verdade histórica comprovada pelas práxis dos **quefazer**es lúcidos e certos que de sua Teoria vinha e vem, atualmente, com mais força ainda, dela se nutrindo os mais diferentes movimentos sociais e teorias diversas.

Sabemos, hoje mais do que nunca, que há a necessidade de se refletir sobre o real, sobre o concreto, sobre isto que está aí e que nos aflige em nossa verdadeira humanidade, mesmo que neguem isso os neoliberais e os que, deliberada ou inadvertidamente, destroem o mundo natural e cultural, numa massificação sem precedentes de falta de respeito às culturas, aos valores, às normas, às crenças e aos modos de produção, atingindo brutalmente a vida dos homens e mulheres de todo o planeta Terra.

Partir do real não exclui, antes inclui a **Utopia**, como Paulo (e talvez uns outros poucos) a **sonhou**, não imaginariamente fantasiosa e irrealizável, mas concretamente possível pela capacidade própria de nós seres humanos, mesmo que a refutem e repudiem os *pós-modernos reacionários* como coisa de retrógrados, caduca, sem sentido.

A **utopia** é a procura de realização do **inédito-viável**⁵ - movimento gerado pelos sentimentos éticos de **indignação, de justa raiva**, dialeticamente relacionado com a amorosidade - categoria esta de Paulo tão rica e carregada de fé e crença nos homens e nas mulheres. O **inédito-viável** não é uma simples junção de letras ou uma expressão idiomática sem sentido. É uma **palavra** na acepção freireana mais rigorosa. Uma palavra-ação, portanto práxis. Uma palavra epistemologicamente construída para expressar, com enorme carga afetiva, cognitiva, política, ética e ontológica, os projetos e os atos das possibilidades humanas. Uma palavra que traz nela mesma o germe das transformações possíveis voltadas para um futuro mais humano e ético e que carrega no seu bojo, portanto, crenças, valores, sonhos, desejos, aspirações, medos, ansiedades, vontade e possibilidade de saber, fragilidade e grandeza humanas. Carrega, ainda, inquietude sadia e boniteza arraigada da condição de ser-se homem ou mulher. Palavra na qual estão intrínsecos o dever e o gosto, como dizia Paulo, de mudarmos a nós mesmos dialeticamente mudando o mundo e sendo por este mudado. Que traz na essência dela mesma o que sentimos, desejamos, lutamos e sonhamos o que nos incomoda, nos deixa inconformados e nos entristece nas fraquezas dos seres humanos levados pela ingenuidade verdadeira ou pela deformação da antieticidade.

O **inédito-viável** nos diz, claramente, que não há o reino do definitivo, do pronto e do acabado, do nirvana da certeza e da quietude perfeita. Alcançado o inédito-viável pelo qual sonhamos e lutamos, dele mesmo, já não mais um sonho que seria possível, mas o **sonho possível** - a utopia alcançada - faz brotar outros tantos **inéditos-viáveis**, quantos caibam em nossos sentimentos e em nossa razão ditada pelas nossas necessidades mais humanas. Isso diante da dinâmica que eles implicam porque, sendo palavra/práxis, estão radical e essencialmente ligados ao que há de mais ontologicamente humano em nós: a esperança **do e nos** movimentos de aperfeiçoamento de nós mesmos e de nosso construir social-histórico para a paz e justiça. Quantos mais **inéditos-viáveis** sonhamos e concretizamos, mais eles se desdobram e proliferam no âmbito da nossa humanidade mais autêntica, de nossa engenhosa capacidade de superarmo-nos quando lançamo-nos no fértil e infinito mundo das possibilidades.

⁵ Conferência proferida no VII Seminário Internacional de Reestruturação Curricular 2000 - Utopia e democracia: os inéditos viáveis na educação cidadã, e publicada em AZEVEDO, José Clovis et al. Porto Alegre:UFRS, 2000.

Isto é o mundo da ética e da libertação, através daquilo que está contido nesta categoria – o **inédito-viável** – e que sua análise crítica indica: múltiplos desejos, anseios, necessidades, vontades, razão, criação e, sobretudo, espírito de justiça. Qualidades e sentimentos que, estando dentro de nós mesmos, precisam, todavia, serem pautados pela seriedade ética. **Coletivamente engendrados**, passo a passo, concretizando-se, fazendo-se ação tática, atingiremos, certamente, a estratégia mais radical ou fim último do **inédito-viável**: a Utopia que, entretanto e paradoxalmente, para manter sua própria característica - a do campo de **sonhos possíveis**, de nutrir-se de nossa não tão menos rica inclusão humana - não tem um fim, um termo definitivo de chegada. Caberá sempre nela a superação do já atendido que será, pois, transitório no caminho ético para a concretização da vocação ontológica dos seres humanos em **Seres Mais**, consequência da democracia social, étnica, sexual, racial, religiosa, etc, desde que não pode haver uma sem a outra, interminavelmente refazendo-se na busca de aperfeiçoamento.

Os **inéditos-viáveis** - além de serem sonhos coletivos, deverão estar sempre a serviço da coletividade - não têm um fim sem si mesmos. São, portanto, sonhos, fundamentalmente democráticos, a serviço do mais humano que existe em nós: "o cumprimento da vocação ontológica de sermos Seres Mais". Postos por Paulo na sua compreensão de educação e sociedade, intencionalmente, para nos fazer sentir a **indignação**⁶, a justa raiva e o repúdio; para nos mobilizar na negação destes sentires; pra nos dar a dimensão mais exata de nossa capacidade política, nossa necessidade ética-estética e de nossa justiça e paz. Postos intencionalmente por Paulo para refletirmos, incessantemente, na possibilidade de sermos mais homens e mais mulheres, quando agimos norteados pela ética e pela vontade política em direção ao **sonhos possíveis**⁷.

4. Síntese

A teoria de Paulo tem nela embutida, portanto, uma certa prática de ação cultural para a libertação, exatamente porque ele propõe a construção de um conhecimento que não se esgota na sua apreensão/apropriação/criação, e que possibilita levar às ações de libertação e autonomia pessoal e social. Isto porque ele partiu para o elaborar, repito, das necessidades, dos anseios, das aspirações e dos sonhos de oprimidos e oprimidas de classe (depois foi ampliado o espectro de opressão), não por um gesto idealista dele, mas porque esta, que vinha sendo secularmente a nossa maior contradição, tanto em termos quantitativos das pessoas que atingia, quanto qualitativos⁸, foi sua preocupação constante.

A extensa obra de Paulo não é apenas um excelente corpo de trabalho científico, filosófico, literário ou pedagógico, bela e corretamente construída e escrita. Ela, tendo sido a sua criação, portanto a sua liberdade, foi, contraditoriamente, o seu próprio limite de **ler o mundo** historicamente e de nele agir engajadamente. Cabe, portanto, irmos 're'criando-a para atender as atuais necessidades históricas. Paulo não pensou idéias, não ficou preso a coisas já ditas e escritas, já pensadas ou praticadas. Superou-as ao superar-se enquanto gente e intelectual, por meio do aperfeiçoamento deliberado de suas virtudes pessoais, do retrabalhamento e aprofundamento

⁶ Nomeei o livro que fiz publicar com textos de Paulo de *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: Unesp, 2000.

⁷ Atenta também a esta categoria de Paulo, nomeei o livro dele, que acabo de fazer publicar em comemoração aos seus 80 anos de nascimento, de *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Unesp, 2001

⁸ Na verdade, só a partir dos reclamos da feministas norte-americanas, após a publicação do livro *Pedagogia of the oppressed*, é que Paulo foi incorporando às suas análises e reflexões outros grupos e segmentos oprimidos de raça e cor, gênero e opção sexual, religião, etc, mudando, inclusive, sua linguagem que era, em princípio, como ele mesmo reconheceu, de compreensão machista.

de seu pensamento e da atualização de suas práxis nos mais diferentes trabalhos que exerceu. Aliás, não poderia ter sido diferente, pois com a coerência sempre buscada e acreditando na história como possibilidade e não como determinismo, portanto na esperança e na dinamicidade humana, Paulo não poderia permitir-se, devido a seu próprio modo de ser frente ao mundo estar estaticamente nele. Estar simplesmente de braços cruzados na espera vã. Tal qual não aceitava para si discursos dicotomizados da prática de vida ou apartados do sentir as emoções e de *ler e de escrever o mundo* e de estar simplesmente nele, exigia para si a atualização permanente de sua relação com as coisas e fatos do mundo numa visão de totalidade para ir inserindo-se nele historicamente e, dialeticamente, ter uma possibilidade maior de transformá-lo.

Fez-se, por isso, um dos maiores pensadores da pós-modernidade. Paulo é, sem dúvida nenhuma, um pensador *pós-modernamente progressista*, como ele mesmo se qualificou⁹. Assim, sem ter negado o que os *pós-modernos reacionários sectários e a-éticos* negam, fixado apenas em tudo que não gere lucro e poder, Paulo continuou enfatizando a amorosidade, a generosidade, a tolerância, a compaixão, o pensar certo que leva à crítica radical, a solidariedade, o respeito, a valorização e a dignificação dos homens e das mulheres que plenificam e dão sentido à vida verdadeira, à existência humana.

A epistemologia de Paulo evidencia-se como histórica e humanística, como *pós-modernamente progressista*, por não ter embalsamado ou engessado no reino do eterno e verdadeiro o que ia produzindo. Reconhecia que ao cristalizarmos posturas, valores, conceitos ou palavras, considerando-os intocáveis, sacramentados e terminados, demonstraríamos um imobilismo emocional, cognitivo e epistemológico, ora por puro medo de arriscarmo-nos ora pela certeza de que as verdades proclamadas são eternas. Devemos nos libertar das amarras do depositado e despejado sobre os outros e outras. Do feito, do dito e do experimentado de caráter absoluto, portanto a-histórico e desumanizante, que nega a dinâmica da vida que se fez **existência**.

Paulo construiu, por estas razões, uma epistemologia não neutra, não apócrifa, não a serviço do "bancarismo" ou da malvez dos poderosos e, assim, não se preocupou somente no construir, mas no como construir o conhecimento. Não ficou preso ao processo gnosiológico, ao qual deu enormes contribuições, e assim construiu uma teoria que, dando conta de entender o real e o concreto do mundo, tem a intenção de criar a possibilidade de, caso compreendida na sua essencialidade, ser uma ferramenta sobretudo para a transformação social.

Sua teoria do conhecimento é, em suma, humanista e libertadora, comunicadora e comunicante, desalienadora e conscientizadora, eminentemente dialógica e esperançosa, que busca na **indignação** a realização de **sonhos possíveis**. Integradora dos homens-mulheres-mundo. Preocupada com a construção do SER MAIS, entendido como **vocação ontológica** de nós todos, seres humanos, mas tantas vezes nos arrancada pela possível distorção da eticidade humana. Desta forma, uma teoria tensamente preocupada e elaborada na relação consciênciamundo, subjetividade-objetividade. Extremamente marcada pela generosidade **de seu estar no mundo**, que nega a pedagogia da resposta.

Paulo desafiando-nos com a pedagogia da pergunta, a pensar radicalmente, a buscar a razão de ser dos fatos e das coisas nos incitou ao: Por quê? Para quê? Por quem? Para quem? Contra quê? Contra quem? A favor de quê? A favor de quem? Nos ofereceu, portanto, as condições

⁹ Verificar no texto *Discussões em torno da pós-modernidade*, pp.157-159, in *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Unesp.2001.

para o ato de educar para autonomia ou libertação dentro da trilogia dialogicidade/ amorosidade/ politicidade, que reclamam para suas validades a dialeticidade. Isto é, cada um desses elementos vale por conter o outro, por nutrir-se e completar o outro num movimento ininterrupto, dinâmico e incessante à procura de autenticar os humanos enquanto tal. Só assim cumprem as dimensões de totalidade, de radicalidade e de unidade dinâmica das coisas que traduz em teoria humanista freiriana.

Enfim, estou certa de que teoria de Paulo, por seus princípios genuinamente nascidos da ontológica condição humana e por estar preocupada em atender autenticamente, carrega as qualidades fundamentais para construirmos um mundo melhor, mais justo e mais bonito. Ela é um paradigma educativo à altura dos desafios do século XXI. Depende se queremos ou não a construção de um novo mundo marcado pela tolerância e pelo respeito às diferenças, do qual nos valemos, não pelo que podemos comprar ou pelo que possuímos de bens materiais, mas pela cidadania planetária que pode nos fazer irmãos e irmãs uns dos outros e outras. Depende de nós, homens e mulheres, do nosso discernir e do sentir ético de **indignação** e de sonho que devemos fazer possível: queremos isto ou a destruição de tudo e de todos? Certamente este é o mais atual e o maior desafio da história da humanidade. Temos que responder, urgentemente, se não quisermos sucumbir como "nada" no planeta que poderá implodir tal como as torres gêmeas de Nova York.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Nita e Paulo: Crônicas de amor**. São Paulo: Olho d'água, 1998.

_____. **Utopia e democracia: os inéditos viáveis na educação cidadã**. In AZEVEDO, José Clovis; GENTILI, Pablo e SIMON, Cátia (org.). *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. (org.). **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

_____. **Ação cultural para liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **Cartas à Guiné-Bissau. Registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

_____. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São

Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1993.

_____. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. **À sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. (org) de Ana Maria Freire. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. (org) Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: UNESP, 2001.